



O materialismo é o tema de momento. Não falta quem o analise nas suas premissas ou no encadeamento da sua lógica. Não falta quem o vincule a tal sistema de pensamento ou o faça consequência de erros e atitudes facilmente diagnosticáveis. Não falta quem o denuncie nas expressões sociológicas que reveste, ou se interrogue, perplexo, perante o avanço espectacular, na sua expressão política, das grandes teses materialistas contemporâneas.

Em muitos dos encontros de estudo em que se esclarece e pacifica a nossa consciência alertada, ouvimos a distinção habitual entre as "teses fundamentais do materialismo" e o "materialismo prático" ou "materialismo de vida", como outros dizem. Não nego a comodidade para a análise, a clareza para o conferente e a maior acessibilidade para o ouvinte, que resultam de tal costume. Mas insensivelmente ele cria em nós a convicção de que há um materialismo teórico e outro prático, e que evitar cair nos seus laços é tarefa fácil. O conhecimento do edifício doutrinar em que o primeiro se apoia fornece-nos a garantia de que saberemos evitar os seus erros de princípio ou de dedução. A atenção às formas concretas que toma o segundo dá-nos a confortável segurança de que por elas não seremos tentados. Em nossa mente, um e outro ficam reduzidos a quadros isolados, parcelares, ligados, quando muito, por uma lógica própria, mas sem constituírem um inimigo que temamos.

Qual não é pois o nosso espanto quando um dia, num momento de especial clari-vidência, em franca auto-análise, nos damos conta de que o materialismo nos envolve e de que somos presas dos seus braços tentaculares. Debatemo-nos então - como pôde isso acontecer? que meios empregar agora para o combater? onde está a doutrina com que possa rebater o materialismo?

Antes do mais, importa reconhecermos que errámos - talvez não por desconhecermos as teorias materialistas; talvez não por ignorarmos algumas das situações concretas em que o materialismo se manifesta com maior acuidade. Errámos, sim,

em julgarmos o materialismo actuando de fora sobre a vida, em o reduzirmos a uma série de princípios ou mesmo de factos, em ignorarmos ou esquecermos que aparece ele próprio como um todo, que toma corpo e forma num mundo ansioso de respostas imediatas e globais e com o qual ele se sintoniza perfeitamente.

O presente artigo não é mais do que uma reflexão sobre esta "sintonização" do mundo e do materialismo na mesma procura de experiência, de totalidade de vida.

Quando consideramos o mundo contemporâneo, quer nas formulações de pensamento a que dá origem, quer nas instituições que nele avultam como mais representativas, damos-nos facilmente conta de que o nosso tempo reagiu fortemente contra um passado de rigidez doutrinária, de moral feita, de códigos aceites uma vez por todas, de essências imutáveis.

O pensamento, em todas as suas formas criadoras, e a vida, em todas as suas manifestações psicológicas e sociais, começam a pouco e pouco a modelar um mundo novo nos seus anseios e interrogações, nos seus fundamentos e pontos de apoio. Os esquemas rígidos de doutrina, as grandes dogmáticas intransigentes e intolerantes, a irreducibilidade de concepções, começam a esboroar-se lentamente.

O racionalismo, que caracterizara as gerações dos dois séculos passados, apareceu à geração revolucionária de entre as duas guerras mundiais como caduco, inconsistente, imagem mental descolorida a que se reduzira a riqueza pluriforme da realidade.

Para explicar ao homem do nosso tempo a complexidade das situações, para lhe dar a esperança numa condição em que ele se sabe inteiramente responsável, para o ajudar na definição inexorável do homem que acarreta o mínimo dos seus actos, não bastavam conceitos teóricos, universais e abstractos. Era necessária uma outra dimensão que aceitasse o dinamismo do devir, que acreditasse que o homem se está constantemente moldando a si mesmo, que fizesse intervir na





definição do homem e da sua razão de estar no mundo o jogo de todos os elementos que sobre ele e através dele actuam.

Movimentos de multidões, nascidos da solidariedade de condição ou de reivindicações inadiáveis, revelaram a força de factos que, assumidos nas instituições e nas inteligências, sofridos por grandes massas e nelas tornados parte integrante, passaram a ter jus de princípios, abrindo caminho a novos conceitos ou obrigando à revisão, em escala muito mais ampla, dos princípios que haviam sido sempre tidos como intocáveis.

Surge no mundo um valor novo. Ao lado do abstracto, situa-se com fores de cidade o concreto; ao lado da especulação, a experiência vivida; ao lado das estruturas, a vida mesma que as anima e lhes dá sentido.

É a época em que o globo nos surge envolvido numa luta sem tréguas - as guerras, declaradas ou frias, sucedem-se sem interrupção. E paradoxalmente nunca como hoje os homens fizeram um esforço tão concreto e consistente para mutuamente se conhecerem - as conferências, os encontros de estudo, o simples turismo, parecem unificar por momentos o que politicamente se considera como irreduzivelmente separado. Aquém e além de todas as cortinas erguidas no mundo, os homens olham-se com uma curiosidade ávida, pressentem uma unidade fundamental que os leva a reconhecerem-se e a encontrarem-se. Ultrapassando todas as fronteiras o homem de hoje não hesita em dar as mãos àqueles que o puro raciocínio sempre considerara como irreconciliáveis inimigos (2).

É a época em que a educação obedece a leis inteiramente novas, ou melhor, se orgulha de não ter leis rígidas. Os métodos da escola activa deixam irromper os interesses, as tendências da criança - e dão-lhe prioridade no processo educativo. As técnicas de condução de grupos assentam na atitude atenta que escuta, se acomoda às preferências manifestadas e raramente intervém para "dirigir", no sentido clássico do termo. E o método de desenvolvimento comunitário em que hoje reside a esperança de transformação social de muitos povos é essencialmente uma drenagem de necessidades, aspirações, potencialidades em



ordem à realização não de um bem imposto mas de um bem comum requerido, desejado e finalmente construído.

É a época em que se toma como expressão do humano não só o que podemos considerar "normal" numa sistematização racionalista, mas também os casos extremos, de pecado ou de loucura, de violência ou de aniquilamento da pessoa. A literatura corrente, com um Graham Greene, um Julien Green, um Bernanos, um Mauriac, põe-nos justamente perante esta nova dimensão do humano e abre-nos a uma visão nova da nossa própria existência.

É a época em que se procura na história não só o fio condutor do pensamento que a determinou mas sobretudo o encadeamento dos factos, o seu sentido escondido, a sua relação real. É a época em que qualquer análise histórica se preocupa menos em estabelecer pontos isolados do que em fazer reviver o "tecido conjuntivo" da história, quer dizer, o encadeado complexo dos elementos que definem os povos, das razões que os guiam, dos sentimentos que neles vivem, dos costumes que tecem a trama quotidiana de suas vidas.

## Fundação Cuidar o Futuro

É a época em que a análise literária ou artística escarpeliza igualmente a obra e o seu autor. Não lhe interessa só o que a obra de arte realmente diz na percepção limitada do observador, mas interessa-lhe a intenção por trás da obra, a pessoa inteira de quem a realizou, os motivos que geraram a obra ou as condições que a tornam possível e requerida pela capacidade criadora do artista.

É, pois, a época em que se pode diagnosticar nos campos mais diversos esta tendência comum: a procura do vivido, do concreto, do total. Poderíamos então dizer que se processa no mundo uma globalização ou totalização das realidades - em termos cristãos diríamos que é o mundo todo que espera a Redenção.

A título de exemplo, vou destacar um dos aspectos assumidos por esta tendência, no mundo científico-técnico e no mundo da filosofia, dois dos pilares da civilização em que vivemos.

Ao contrário da atitude dos gregos e da tendência que, salvo duas ou três ex-



cepções, se manifestou durante toda a Idade Média, a ciência moderna traz já em si uma nítida preocupação do concreto. Não lhe interessa só um mundo conceptual, harmónico e perfeito em si mesmo, mas um sistema que exprima o acordo do pensamento com a realidade material que o envolve e através da qual o próprio pensamento se exprime.

Nesse domínio sobre a realidade material, a ciência moderna faz, porém, apelo às leis mais rigorosas do pensamento. A observação dos fenómenos, a experimentação, a formulação de leis, exigem da ciência uma fidelidade constante a algumas premissas fundamentais, de princípio e de método, exigem uma concentração e valorização do universal, do uniforme, do repetitivo, tendem à formulação de dados irrecusáveis, cristalizados uma vez por todas. A ciência moderna ensinou ao homem o rigor e a honestidade do pensamento.

Mas esta mesma ciência, nascida embora dum gratuito desejo de conhecimento do mundo e das leis que o regem, sentiu-se irresistivelmente levada a um diálogo de acção com a vida e os homens. Desde o princípio da sua existência, a ciência conteve em si o germen de uma eficácia prática possível, de uma utilidade para o bem dos homens. Cada novo passo do conhecimento científico abria as portas a uma concretização em grande escala, a uma aplicação prática. Foi a industrialização do princípio do século que veio dar expressão a esse anseio da ciência de constantemente se prolongar e ampliar em técnica.

Nesta interpenetração da ciência e da técnica, um dado novo entra em jogo. O mundo da técnica é sem dúvida o mundo do concreto e do material, o mundo das coisas, tal como o mundo da ciência. Mas ao dar-se o salto da escala laboratorial à escala industrial um novo factor intervém: e esse factor não se reduz a esquemas, fórmulas ou cálculos, ele é a própria irrupção da vida.

A experiência da indústria torna-nos muito viva esta ideia. Imaginemos a entrada em funcionamento duma nova fábrica de ácido sulfúrico, por exemplo: a reacção é perfeitamente conhecida, há dezenas de anos que os químicos a estudaram minuciosamente, os cálculos foram feitos com todo o rigor, os materiais sujeitos a prova, os balanços químico e termodinâmico perfeitamente conhecidos... E, no entanto, ainda com a certeza de que tudo está certo, o momento de arran-



que da fábrica é sempre um momento de tensão : arranca ou não arranca ?

Afinal o mesmo pequeno momento de ansiedade do levantar voo dum avião : tudo está certo e calculado, motores verificados, depósito cheio, instrumentos a funcionar, indicação do vento... E no entanto, desde o comandante ao mais apático dos passageiros, todos nos interrogamos : subirá ? ganhará altura ?

Quer dizer, na sua concretização técnica, a ciência humilha-se perante a explosão incontrolada da própria vida com as suas imprevisíveis leis e exigências. Todos os que trabalham na indústria sabem a contingência dos dados reais; aos cálculos mais exactos, há-de justapor-se um coeficiente de segurança, ao rendimento teórico (concebido num universe abstracto) há-de oper-se um rendimento prático, o único verdadeiro porque vivo.

É certo que o avanço da ciência ajuda a controlar elementos que no passado eram desconhecidos; mas paradoxalmente esse avanço revela, em face da pequena conquista feita, um mundo cada vez mais vasto por explorar.

## Fundação Cuidar o Futuro

O mundo científico-técnico, a grande textura sub-jacente à nossa civilização moderna, dá-nos assim o primeiro grande sinal duma exigência não unicamente de adaptação à vida mas de inserção nela, de integração de todas as experiências num processo total em que nada do que é vivo seja excluído.

A filosofia desde o seu início procura a verdade. Interroga-se sobre os seres, suas relações essenciais, independentemente da forma que têm mas na sua realidade de seres; analisa os dados que o pensamento lhe oferece, estabelece os limites da sua própria especulação ao distinguir certeza e probabilidade ou ao estabelecer as condições de coerência do pensamento consigo mesmo; julga da autenticidade das realidades e da validade dos dados.

Neste processo que se estende ao longo de muitos séculos, a filosofia é essencialmente especulativa e discursiva. Nada tem de comum com as realidades míticas que enchem a literatura, a história dos povos e dos indivíduos.



Mas eis que no nosso tempo essa posição é fortemente abalada.

A literatura contemporânea não hesita em entrar deliberadamente no mito, misturando-o ao discurso racional numa teia de difícil distinção.

A arte plástica, a poesia, são, em grande parte, nos nossos dias, revelações de realidades míticas, quer dizer, de zonas de humano que estão fora da actividade de reflexão e que só se lhe submetem ocasionalmente num exame "a posteriori".

A psicanálise revela o mito como um dado originário, permanente, da natureza do homem.

A história das religiões encontra nos lugares e nos tempos mais afastados os mesmos elementos fundamentais da realidade mítica.

A filosofia hoje na sua procura da verdade não ignora estes dados. Em vez de proclamar a validade exclusiva da reflexão filosófica especulativa, abre-se a outras formas de apreensão da realidade pelo homem e aceita o mito ao menos como um dado irreflectido (não irracional), sentido, experimentado, pelo homem individual e colectivo (3)

Diferentes escolas filosóficas procuram e tentam interpretar esta abertura da filosofia a novos valores. Divergindo em alguns pontos fundamentais, têm no entanto um elemento comum: "a realidade tal como ela se apresenta ao homem não é só objecto dum saber, dum conhecimento, duma doutrina; ela só se revela a uma experiência vivida, a uma intuição afectiva, a uma apreensão global dos dados da experiência".

Por esta revalorização da experiência, do vivido, alarga-se a noção de verdade. A verdade não é só uma doutrina exterior aos homens, é o respirar dessa doutrina no coração dos homens, é a variedade múltipla das suas formas em cada situação concreta.



Imaginar uma verdade inteiramente discursiva, baseada unicamente em dados cientificamente verificados, não é já possível ao homem de hoje. A experiência vivida é uma porta aberta para uma verdade mais rica e certamente mais real. Mas, por outro lado, valorizar de tal modo a experiência vivida que se venha a negar todo o objectivo e se deixe todo o juízo confiado ao arbitrário, não parece conforme com a realidade. Porque o homem é pensamento e experiência vivida. Se a experiência vivida actualiza muitas vezes o pensamento, sabemos hoje que o ultrapassa. Por seu turno o pensamento, ao procurar reflectir sobre a experiência vivida, elucida-a e esclarece-a. Somos levados assim de novo a uma tendência de totalização, é a experiência total do homem que entra em jogo, experiência de reflexão e de espontaneidade.

Como se exprime, nesta perspectiva, o materialismo contemporâneo? Correndo o risco de citar lugares comuns (tantas vezes este aspecto tem sido acentuado) eu diria que o materialismo contemporâneo, pelo menos nas suas formas mais características e mais estruturadas, está profundamente mergulhado nesta tendência de experiência global do nosso tempo.

Fundação Cuidar o Futuro

Não é mais um materialismo especulativo, à maneira das sociedades positivistas. É um materialismo de experiência vivida, que toma a pessoa toda, tanto a sua inteligência como o seu coração. É um novo ambiente em que o homem se movimenta.

Não é mais um materialismo de gabinete, indiferente às consequências das suas afirmações - é um materialismo que se quer eficaz, que aspira a traduzir-se no concreto, que a si mesmo se estimula pelas conquistas da sua própria técnica.

Não é mais um materialismo nascido na cabeça de meia dúzia de intelectuais. É um materialismo de multidões, unidas como um corpo, dinamizadas por um ideal comum.

É um materialismo unificador da pessoa, aglutinador dos povos. É uma expressão de vida, é uma tendência totalizante.

E não importa o nome concreto que o materialismo toma. Ele é esta força viva



no mundo contemporâneo.

O materialismo em nossos dias sintoniza-se com o mundo, encontra eco e responde por seu turno à procura da vida e da plenitude das suas manifestações que caracteriza todos os domínios em que o homem se movimenta.

Não é só uma teoria nem tão pouco um conjunto de fenómenos sociológicos que qualquer acção permita bloquear. Tende a ser uma textura da nossa civilização.

Ora, é nesta iminência de derrocada total, de subversão de todos os valores que reside, paradoxalmente, a possibilidade de ao materialismo se fazer face. Porque é na ressonância do materialismo com a característica de totalização, de globalização, do mundo moderno que uma resposta é possível e que o materialismo pode ser combatido e destruído.

Já sabemos, pela experiência, individual e dos povos, como é ilusória e ineficaz uma resposta directa ao materialismo, no enredado da sua teia. Tal resposta revela-se em cada dia metodologicamente impossível no jogo da dialéctica ou no arbitrário das situações erigidas em princípio. Essa resposta só se nos afigura possível se se formular no próprio terreno vital, no mesmo plano de experiência existencial em que o materialismo se situa.

As implicações de tal convicção resultam evidentes - hão-de traduzir a tomada de consciência da situação-de-estar-no-mundo; hão-de fazer descobrir ao cristão a dimensão mais completa da sua existência-em-Igreja; hão-de levar a procurar, para além das manifestações da vida, a plenitude da Vida.

Referirei, apenas nas suas linhas mais gerais, cada um destes planos.

A característica de procura do vital, do concreto, levando a uma visão mais global da vida e a uma atitude mais inteira não pode encontrar no cristão nem o alheamento nem a justaposição de valores no sincretismo meramente ideológico com que muitos se satisfazem.



A atitude do cristão de hoje tem de ser profundamente real, vida que se conhece e que se aceita consciência de si mesma, livre e aberta ao mundo, pensamento que se alimenta de vida e por seu turno a fecunda e guia.

O cristão de hoje abre-se a uma nova concepção do humano, e, daí, a um juízo mais amplo perante o que é válido ou certo. Nada do que acontece no mundo pode ser-lhe estranho - tudo há-de ressoar nele não apenas para satisfazer uma curiosidade fácil mas para conduzir a um compromisso prático.

Não equivale, por isso, tal atitude ao borboletear impessoal por sobre todas as coisas. Ela significa, pelo contrário, que, onde quer que o cristão se encontre, ele tem de estar apto a recolher em si todas as experiências, a aceitá-las, a reelaborá-las no amor.

É o momento de abertura a outras perspectivas, a outras opiniões, à expressão de outras opções profundas. É o momento de compreensão dos valores e das realidades escondidas em cada acto humano, em cada pessoa, em cada povo.

Mas abertura, compreensão, aceitação, careceriam de sentido se não fossem parte de um todo que supõe o juízo crítico e a reflexão, a tomada de posição e a acção eficaz. Perante a complexidade, a espontaneidade, o não-conformismo das manifestações da vida, exige-se um "nível humano" capaz de permitir novas associações de ideias e conceitos, capaz de irradiar nova energia e mais elaborado pensamento.

Não é no saudosismo perante um passado mais simples, todo ele redutível a esquemas e princípios, que o cristão de hoje pode encontrar resposta ao materialismo. Não é na ignorância desdenhosa ou no receio cauteloso perante as "explosões" de vida que o cristianismo toma raiz.

Hoje, como em qualquer outra época da História, o cristianismo assume todo o humano e "optza pelo cristão é sempre, finalmente, optza pelo homem" (4),



não pelo homem intemporal, mas pelo homem de hoje em todas as suas ligações e ressonâncias.

No mundo de hoje que se exprime em termos de totalidade, de concreto, de densamente humano, a nossa presença só pode ser a expressão, não de uma doutrina, menos ainda duma sujeição moral, mas duma vida. Aliás é o momento em que (de forma particularmente insistente) o cristão é convidado a ser a vida mesma que pulsa na Igreja.

É facto bem patente que o nosso tempo tem visto um desenvolvimento verdadeiramente único da Eclesiologia. As últimas dezenas de anos têm levado a Igreja a uma saudável reflexão sobre si mesma. Tal reflexão é-lhe exigida a um tempo pelo seu próprio processo interno de crescimento e pelo seu diálogo com todos os que não pertencem à Igreja. Neste diálogo tomam relevo especial as outras confissões cristãs.

Ora nesta reflexão da Igreja sobre si mesma avulta um aspecto que nos é revelado não só pela Teologia como pela Igreja viva nos quatro cantos do mundo.

A Igreja, face ao longo dos séculos a heresias que deturpavam um ou outro aspecto da mensagem cristã, teve que acentuar fortemente o carácter institucional que é sua parte constitutiva embora não única. Teve que precisar o dogma, que condensá-lo rigorosamente e anatematizar os que dele se afastassem; teve de estabelecer um controle rígido de pensamento para salvaguardar o depósito sagrado; teve que dar supremacia ao elemento da estrutura em que se alicerça.

Mas no nosso tempo um fenómeno tem vindo a processar-se. Por um lado, o advento do apostolado leigo, conferindo a todos os cristãos participação na triplíce missão profética, sacerdotal e real da Igreja, veio fazer ressaltar a importância essencial para o crescimento da Igreja da vida que nela corre, das experiências vividas por todos os seus membros nas mais variadas circunstâncias. Assim passou a valorizar-se a vida ao lado da estrutura.



E se, em última análise, a orientação que decorre da estrutura continua e continuará a ser o guia da vida, não é menos certo que a vida que corre no corpo da Igreja fornece à Hierarquia elementos preciosos para o exercício do seu ministério.

Por outro lado, a preocupação de unidade que dentro e fora da Igreja hoje se encontra (aliada a toda a renovação litúrgica) tem levado a Igreja a acentuar não só o seu carácter institucional mas fundamentalmente o seu carácter comunitário. A Igreja não é só instituição dispendo dos meios de salvação, é a comunhão mesma que esses meios tornam possível.

Vida além de estrutura, comunhão além de instituição (5) - eis duas certezas da Igreja sobre si mesma e afirmadas da forma iniludível no nosso tempo. Afinal, bastaria tornarmos às fontes e entendermos o que é o Corpo Místico - um Corpo que supõe vida para além da doutrina, que exige comunhão para além da articulação formal ou disciplinar.

O cristão não pode olhar indiferente a fisiologia da Igreja - ele é um ser-em-Igreja e a sua situação no mundo é uma existência-em-Igreja. A sua ressonância, o seu entendimento, o seu compromisso nas tendências do mundo moderno têm, por isso, sempre a sua raiz e alimento e fecundidade na Igreja. Daí que a consciência de ser em Igreja para poder enquadrar em harmonia e fidelidade todas as opções e cuidados que o mundo moderno requer haja de ser cada vez mais forte, cada vez mais total, cada vez mais alicerçada na Vida que sustenta a Igreja.

É em Cristo, Vida do homem, Vida do universo, Vida da Igreja, que o cristão pode encontrar a Vida em que todos os outros aspectos da vida se podem integrar, de que todos nascem e a que todos vão buscar a parcela de bem, de beleza, de verdade que neles existe. À ansia de vida do mundo moderno, à procura de vida a que o materialismo traz uma resposta para muitos, o cristão não leva só uma doutrina, uma disciplina, uma convicção mas uma Pessoa que é a plenitude da Vida.